

Juventude, trabalho e cultura periférica: a experiência da Agência Popular de Cultura Solano Trindade

MARTA DE AGUIAR BERGAMIN

■ O mercado de trabalho apresenta para os jovens enormes desafios. Sua dinâmica complexa interfere diretamente na entrada e na permanência dos recém-ingressados nesse mundo laboral; as características de gênero, raça e classe interferem de forma importante, e, em grande medida, nesse primeiro contato dos jovens com o mercado de trabalho, podendo marcar de forma definitiva suas trajetórias profissionais²⁰. O desempenho da economia e as políticas sociais podem melhorar o acesso ao mercado de trabalho em momentos de maior aquecimento econômico, mas não é garantia de oportunidades mais igualitárias para todos no Brasil – que permanece um dos países de maior desigualdade social do mundo, embora conquistas importantes tenham sido realizadas nos últimos anos. Para que a entrada dos jovens no mundo do trabalho possa ser garantia de melhores oportunidades que permaneçam para suas trajetórias profissionais é preciso uma inserção em empregos de melhor qualidade. Muitas vezes, um primeiro emprego

20 Esse artigo é resultado de pesquisa financiada pelo PIPED – Programa de Incentivo à Pesquisa da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (2014-2015). Os temas aqui tratados são fruto de pesquisa iniciada em 2011, no Banco Comunitário União Sampaio, no Campo Limpo, zona sul da cidade de São Paulo, através de visitas, entrevistas, conversas, vivências e observações. As reflexões sobre a atuação desse movimento social estão inicialmente na minha tese de doutorado: *Lutas na cidade de São Paulo: Mutirão Recanto da Felicidade e Banco Comunitário União Sampaio*. E também nas reflexões de dois artigos apresentados em congressos: *Cultura, Trabalho e Política: Qualificação do trabalho na periferia de São Paulo e a experiência da Agência Popular de Cultura Solano Trindade*, apresentado no XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, em 2013, e *Luta pelo Trabalho na periferia da cidade: onde está o trabalho autônomo? A experiência da Agência Popular de Produção de Cultura Solano Trindade na zona sul da cidade de São Paulo*, apresentado no 37º Encontro Anual da ANPOCS, também em 2013.

de baixa qualidade pode representar para os jovens uma trajetória de trabalhos que reproduzem durante toda sua vida laboral uma baixa qualificação e baixa remuneração encontradas logo nas primeiras experiências (Cardoso, 2013). As oportunidades no mercado são desiguais e mostram diferenças significativas nas características geracionais, especialmente quando nos deparamos para os jovens com as diferenças de classe, de gênero e de raça; além disso, podemos constatar que o local de origem dos jovens também compõe um quadro de seu contexto social que agrava as barreiras de oportunidades para quem vive na periferia. Não é difícil observar que, para os jovens pobres, para as mulheres, para os negros, há um enfrentamento de situações desprivilegiadas no Brasil, de forma geral. Se somarmos todos estes marcadores sociais de diferenças, ser mulher, pobre, periférica, jovem e negra ao mesmo tempo, a situação é ainda mais grave.

(...) é preciso considerar que os jovens são diferentes entre si a depender de sua classe social, sexo, cor/raça, mas são também sujeitos que vivem em um determinado contexto social, econômico e político: o início do século 21 em um país como o Brasil. Por mais diversos que os jovens sejam entre si, vivendo e significando de múltiplas formas os fenômenos atuais, é inegável que todos vivem em um momento bastante singular (Corrochano *et al.*, 2008, p. 9).

As construções subjetivas dos sujeitos são moldadas por suas experiências vividas e observadas, em que as trajetórias familiares e sociais ganham grande prevalência na atribuição de sentido para o trabalho, havendo uma combinação entre os moldes sociais e construções dos aspectos coletivos, assim como, também individualmente, cada um vai construindo suas narrativas de vida. Uma (re)elaboração desses processos pode trazer novas formas de participação na vida social e no mercado de trabalho, mas, para isso acontecer é preciso conquistar situações que rompam com as continuidades narrativas da vida familiar. Para tanto, o contato com experiências que fujam dos padrões costumeiros da relação com o trabalho para cada jovem é fundamental. Nessa medida, a inserção dos jovens no mercado de trabalho depende tanto de fatores objetivos, como de questões subjetivas – que, embora interfiram de forma definitiva nas relações que cada um desenvolve com a sua trajetória profissional, por vezes, são aspectos mais velados do mundo do trabalho.

As transformações recentes nas dinâmicas do mercado de trabalho e suas práticas são reconhecíveis: elas modificam a produção de sentidos do trabalho para cada sujeito, mas compõem uma dinâmica de significação social do trabalho,

digamos, com certa dialética com as experiências familiares individuais, que também parametrizam essa relação. Sobretudo as experiências de desemprego ou de precarização do trabalho familiar podem deixar marcas sociais de medo nas gerações seguintes, muitas vezes, fazendo com que a entrada no mercado de trabalho seja mediada por essa relação. O medo do desemprego, o contato com trabalhos precários por condições de vida precarizadas, podem levar os sujeitos a aceitar trabalhos de maior desqualificação. E, nessa medida, a insegurança se torna extremamente produtiva para o capital, por assegurar uma entrada inicial no mundo laboral com baixos salários para os jovens (Coutrot, 2005). O importante, aqui, é marcar o fato de que, com uma entrada em trabalhos precários, as chances de se ter uma vida laboral mais precarizada aumentam enormemente.

Levando em consideração essa gama de questões apresentadas, a reflexão desse artigo busca compreender alguns aspectos do trabalho juvenil a partir da experiência da *Agência Popular de Cultura Solano Trindade*, que traz uma articulação social através de movimentos sociais, que buscam conquistar novas práticas de trabalho para os jovens mais pobres. A hipótese percorrida nesse artigo é de que a conquista de outras formas de entrada e permanência no mercado de trabalho podem levar a um ganho de autonomia.

A atuação da *Agência Popular de Cultura Solano Trindade* pode ser vista como um movimento social que articula uma rede de coletivos de cultura preocupados com as formas de trabalho. As práticas de trabalho promovidas pela *Agência* podem trazer aos seus participantes maior autonomia, na medida em que o trabalho pode conferir outros sentidos, como por exemplo, o pertencimento de uma comunidade ou a satisfação de realizar uma atividade de escolha do sujeito, aspectos que serão discutidos a seguir. A *Agência* exerce suas atividades no Campo Limpo, distrito situado na zona sul da cidade de São Paulo, e busca realizar para os jovens da periferia experiências que concretizem produções culturais como atividade de trabalho, em muitos casos, como uma primeira experiência no mercado. A *Agência Popular de Cultura Solano Trindade* foi inaugurada em setembro de 2011 com uma meta inicial de estabelecer trocas de serviços com uma moeda própria, o Solano, que possui um formato de funcionamento diferente da moeda social do *Banco Comunitário União Sampaio* – experiência da qual se origina, ... A ideia inicial era incentivar os jovens da comunidade a se profissionalizarem artisticamente, também em outras atividades da produção cultural e em áreas afins, para uma articulação em rede de coletivos e profissionais da zona sul.

Antes de avançarmos na apresentação e discussão da experiência de produção da cultura periférica realizada na *Agência Solano Trindade* com seus atores

sociais jovens, podemos traçar outros aspectos importantes do contexto do trabalho como centro privilegiado da vida social e aprofundar um pouco mais essa composição e sua importância para o trabalho juvenil. Conforme exposto acima, se, por um lado, temos a força da dinâmica do mercado de trabalho indicando como os atores sociais incorporam mudanças nas suas próprias práticas de trabalho e na composição da sua trajetória profissional, por outro lado, as experiências individuais e familiares marcam de forma consistente os jovens e certamente pode desfavorecer quem possui uma trajetória familiar mais precária. Afinal, devemos reconhecer que a reprodução social da desigualdade brasileira ocorre nesse espaço entre a família, a escola, a cidade e o mundo do trabalho, entre outras dimensões essenciais da vida social. Mas podemos trazer um acento a esses aspectos e às formas da reprodução das sociabilidades que se passam na cidade através da análise do trabalho juvenil.

O mundo do trabalho desenvolve uma série de proposições que estruturam o modo como cada trabalhador individualmente deve lidar com sua trajetória laboral, e como coletivamente esses aspectos são construídos. Para os trabalhadores, através desses discursos e práticas de trabalho se monta uma responsabilização individual por sua trajetória laboral. Isso significa uma desresponsabilização do estado sobre o desemprego e as condições de trabalho; de modo que os trabalhadores precisem enfrentar sua “empregabilidade” como um fator individual. Nessa medida, os últimos desdobramentos do desenvolvimento dessa relação com o mundo do trabalho através dos discursos de empreendedorismo torna-se cada vez mais forte uma atitude mais empreendedora, tanto nos trabalhos autônomos quanto nos trabalhos assalariados, como “modelos” que vão sendo incorporados como exigências tácitas ao trabalho.

O empreendedor, o trabalhador flexível e mesmo o cooperado, tornam-se figuras representativas do ‘novo’ espírito do capitalismo. Cabe ao trabalhador internalizar os novos requisitos impostos pelo mercado. A realização pessoal e profissional e mesmo sua sobrevivência pessoal, cada vez mais depende disso. O futuro é incerto e manter-se no mercado exige grandes investimentos pessoais. A nova racionalidade capitalista considera o estado provedor um elemento de atraso ao desenvolvimento pessoal, pois impediria a busca permanente pela empregabilidade e, por consequência, o espírito empreendedor. O individual se sobrepõe ao coletivo, mesmo quando o discurso é do coletivo. O coletivo exige uma configuração empreendedora que o sustente (Lima, 2010, p.189).

As dificuldades enfrentadas pelos jovens são ainda maiores no Brasil. Isso porque, o que poderia ser visto como potência para a formação e a qualificação de novos profissionais para o futuro, acaba se incorporando no mercado de trabalho como barreiras geracionais de oportunidades e os jovens enfrentam desemprego mais elevado e grandes dificuldades para uma boa inserção no mercado de trabalho. A necessidade de conciliar estudo e trabalho aparece como entrave para a entrada e a permanência dos jovens em empregos de qualidade e, assim, a primeira experiência no mercado muitas vezes ocorre de forma precarizada, justamente pelo pouco incentivo do próprio mercado de trabalho em suas estruturas consolidadas ao processo formativo para o trabalho de forma geral no mercado. Os trabalhos mais comuns para os jovens são trabalhos de pouca qualificação e baixas remunerações. Para exemplificar esse quadro da entrada mais precária de jovens pobres no mercado de trabalho podemos observar as mulheres jovens e suas dificuldades na entrada e permanência no mercado laboral.

Os cortes de gênero e raça são preponderantes para as trajetórias de trabalho. As jovens negras têm uma entrada marcada por trabalhos de baixíssima qualidade, como os empregos domésticos, que são afetados pela informalidade, recebem baixa remuneração e poucas possibilidades de crescimento profissional. Os jovens no Brasil que não estão nem estudando e nem trabalhando, conhecidos como nem-nem chegam a 18,4%, mas entre as jovens negras sobe para 28,2%²¹. Um dos fatores que interferem nessa entrada (ou mesmo abandono da vida laboral) é a vida familiar começando cedo. Com a chegada de filhos muitas jovens saem da escola e do mercado de trabalho, engrossando as estatísticas dos jovens que não estão nem estudando e nem trabalhando. Esses fatores são vividos como dificuldades para os jovens pobres, para as mulheres e para os negros no mercado de trabalho.

O trabalho ocupa um lugar central na construção das formas de organização do cotidiano e mudanças nas sua dinâmica também representa transformações para os indivíduos. Ele é uma baliza importante na vida social como um dos nucleares centros de construção de sentido para as trajetórias sociais. Sua falta, que pode também ser por escolha de não estar em um trabalho remunerado, tem enorme impacto nas formas de socialização, sobretudo nas consequências enfrentadas com as dificuldades de constituir e vislumbrar uma carreira mais linear. Mas também para entradas no mercado de trabalho mais tardias, que podem tornar ainda mais rebaixadas as experiências laborais, como acontece para muitas mulheres que se tornam mães mais precocemente, por exemplo.

21 Dados do IBGE, PNAD, 2009.

As denegações de acesso a uma boa trajetória profissional para os jovens podem trazer uma forte “dessaocialização do trabalho assalariado”, como diz Wacquant (2001). Os jovens que não completam seus estudos, em sua maioria, vêm de famílias em que os pais também não chegaram ao ensino superior, mostrando que uma reprodução dessa ligação mais frágil com o processo escolar faz parte de um processo mais subjetivo, para além das condições objetivas para se completar os estudos universitários (Spitz, 2013). Os jovens de famílias mais pobres têm um acesso mais complicado ao mercado de trabalho, pois, quanto mais escolarizado forem, melhor esse acesso ocorre e também por conta de aspectos subjetivos que contribuem para uma reprodução das desigualdades sociais – uma entrada no mercado em trabalhos de baixa qualificação, remuneração precária, ou mesmo uma entrada mais tardia, podem marcar os jovens negativamente em toda sua trajetória profissional (Cardoso, 2013).

A ligação dos jovens com seu território de pertencimento compõe sua relação com a cidade. Na periferia de São Paulo, houve transformações substantivas nos últimos anos que trazem consequências para os territórios. O aquecimento econômico prolongado – fato que modificou a paisagem da periferia paulistana – novos comércios locais surgiram por conta do aumento do padrão de consumo, além de outros aspectos importantes pode-se perceber uma nova disposição dos jovens em permanecer nos bairros de nascimento mesmo se conquistarem um bom emprego, o que não ocorria em momentos anteriores em alguns territórios (especialmente nos bairros mais violentos como Capão Redondo e Campo Limpo). Porém, a urbanidade teve mudanças limitadas e não se alteraram substancialmente alguns aspectos importantes como: a baixa qualidade da escola pública, o acesso a serviços públicos de melhor qualidade como saúde e acesso à água se mantêm precários.

Nessa medida, a experiência da *Agência de Produção Cultural Solano Trindade* fomenta formas de produção de cultura que visem conquistar formas de remuneração para quem participa do processo, articulando a produção cultural com o mundo do trabalho. A visibilidade que vão ganhando no território constitui para os jovens exemplos de formas mais autônomas de trabalho. São novas práticas de trabalhos que podem configurar estratégias diferentes de sobrevivência, alterando a entrada e a permanência no mercado de trabalho através de trabalhos que busquem constituir espaços mais autônomos nesses territórios de periferia, que, ainda assim, apresentam limites impostos pela urgência e precariedade da vida.

As novas possibilidades de trabalho através da produção de cultura são disputadas. Se, por um lado, pode-se olhar para o processo como uma disputa por

recursos e financiamentos para os projetos pelos editais públicos e privados que constituem um campo de atuação profissional em formação, há também, por outro lado, reivindicações para a formação de maior público e maior abertura de um mercado de produção de cultura na periferia que possa viabilizar esses trabalhos mais autônomos para um número maior de pessoas.

A PRODUÇÃO CULTURAL DA AGÊNCIA POPULAR DE CULTURA SOLANO TRINDADE

■ A *Agência Popular de Cultura Solano Trindade* foi formada pelo *Banco Comunitário União Sampaio*, em 2011. Hoje, já acumula algumas experiências bastante expressivas, como o Projeto REDES em parceria com a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), trabalhando com aproximadamente quarenta empreendimentos da zona sul da cidade de São Paulo, para a formação de uma rede desses empreendimentos e uma formação mais profissional de cada coletivo. Também a participação na 31^a Bienal Internacional de Arte de São Paulo com apresentações de vinte coletivos culturais na programação da exposição, experiência que trataremos em alguns aspectos a seguir.

O *Banco Comunitário União Sampaio* foi formado pela *Associação União Popular de Mulher do Campo Limpo e Adjacências*, em 2009, através de um projeto com o Instituto Palmas de Fortaleza (ligado ao *Banco Palmas*, primeiro banco popular com moeda social circulante local do Brasil), a SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária), a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo (ITCP/USP) e o Movimento de Moradia, e visava à atuação no território através da inserção da moeda social no bairro e empréstimos a juros baixos, em Real ou em Sampaio (a moeda local).

O *Banco Sampaio* busca chegar aos moradores que precisem de um aporte financeiro para seus negócios ou um financiamento para emergências financeiras em um atendimento econômico social (juros baixos ou inexistentes) e conta para tanto com uma moeda social, que detém uma circulação territorial em comércios credenciados, fazendo com que a economia local possa se desenvolver com um giro endógeno do dinheiro – que, geralmente, circularia em Real por outros bairros, muito comumente em comércios de grande porte.

Essa experiência de economia solidária necessariamente passa por construir entre os moradores vínculos baseados em trocas comunitárias. Buscando fomentar novas maneiras de estabelecer uma economia local, mobilizou os moradores,

convidando-os a repensar seus padrões de consumo e uso do dinheiro, constituindo, também, um objetivo pedagógico para transformar essas relações.

Nessa medida, este movimento social foi capaz de agregar essas qualidades de atuação no território abrindo novas perspectivas de articulação social. Um banco comunitário não funciona sem essas características: interesse da comunidade em manter o banco em funcionamento e, assim, a formação de uma articulação social para que isso ocorra. O *Banco Sampaio* é um movimento social constituído por jovens atores sociais que renovaram as formas de atuação política local, nascidos de um movimento popular de décadas anteriores, a *União Popular de Mulheres do Campo Límpio e Adjacências* surgiu em outro momento político do Brasil.

A *Agência Solano Trindade* foi, assim, constituída a partir dessa experiência do banco comunitário articulando coletivos e profissionais de produção e circulação de cultura da periferia da zona sul da cidade – numa chave bastante próxima da constituição do banco comunitário. Os empréstimos do *Banco Sampaio* para empreendimentos culturais tornavam-se cada vez mais frequentes e, assim, surgiu a ideia de também articular em rede os coletivos e profissionais de produção cultural da zona sul de São Paulo. Dessa conjunção nasceu a *Agência Popular de Cultura Solano Trindade*. A região tem uma “vocação” para saraus e a sua produção cultural intensa se sobressai de forma evidente. Deste modo, as lideranças do *Banco Sampaio* se viram envolvidas com novos atores sociais ligados aos projetos de produção cultural, cada vez mais presentes no cotidiano do banco comunitário.

Rafael Mesquita e Thiago Vinicius de Paula são as principais lideranças que iniciam a *Agência*. Rafael já despontava na União Popular de Mulheres e seu trabalho chamou a atenção dos agentes da ITCP/USP, que escolhe a Associação como sede de um dos cinco bancos comunitários constituídos em São Paulo inicialmente. O projeto da *Agência Solano Trindade* aparece depois, com o processo de formação de novos empreendimentos ligados à cultura periférica.

Para que pudessem trazer maiores consequências para a produção da cultura periférica era preciso (e é ainda) uma articulação maior de todos. Novas formas de liderança social e política incentivam os mais jovens à participação; se por um lado isso representa uma expressão cultural como forma de repensar os parâmetros da entrada no mercado de trabalho, também acaba por fomentar novas visões sobre a atuação profissional para as crianças e jovens que podem observar as experiências da *Agência*. Isso é especialmente importante na periferia de São Paulo para que se possa superar as trajetórias familiares, marcadas naquela região pela violência, por trabalhos de baixa qualificação e remuneração, pela habitação

precária, um acesso limitado e de baixa qualidade dos serviços públicos oferecidos ali e a pouca urbanidade.

Outro aspecto a ser ressaltado é que a formação de uma agência de produção cultural é uma novidade dentro da economia solidária, o movimento trazia para o banco comunitário um saber sobre montagem de cooperativas ligadas aos bancos comunitários, como uma tecnologia que vinha sendo desenvolvida pelo Banco Palmas, de Fortaleza, para que empreendimentos econômicos pudessem ser viabilizados. Mas, como as lideranças desse movimento do Campo Limpo são jovens, sempre lhes parecia improvável a constituição de cooperativas nos moldes mais experimentados pela economia solidária. Rafael Mesquita e Thiago Vinicius, com seus parceiros mais antigos e os novos que iam chegando (fotógrafos, poetas, músicos, atores, maquiadores, artistas plásticos, entre outros, começam a frequentar a *Associação* e a participar mais ativamente das suas atividades) vislumbraram a formação da *Agência* como uma consolidação da vocação da região para a produção cultural.

A relação no início mais tensa com a economia solidária deu lugar hoje a novos projetos vinculados a essa experiência inovadora da formação da *Agência*, que foi se mostrando potente forma de transformação da realidade local. Essas mudanças são lentas e por vezes não são os dados econômicos que vão demonstrar sua efetiva interferência nas referências dos jovens em suas trajetórias laborais, mas mexem com a subjetividade dos jovens nas suas práticas de trabalho; essa é por fim a mudança mais importante que será possível observar com a chegada dos jovens ao mercado de trabalho.

Para compreender esse processo é fundamental observar que o movimento de cultura era bastante consolidado na zona sul de São Paulo, com saraus literários existentes há mais de uma década, reunindo grande número de poetas, escritores e músicos da região, junto a um público cativo dos movimentos literários, entre outras manifestações, que foram produzindo uma cultura periférica, vencendo as limitações impostas aos moradores locais, a partir da periferia e sobre a periferia. Novas formas narrativas da vida periférica, portanto, ganhavam expressão cultural com reconhecimento e visibilidade.

Sobre a formação de uma cultura periférica pode-se afirmar que os temas abordados pelos livros de Ferréz (como o *Capão Pecado*), pelas músicas dos Racionais MC's eram e são do cotidiano dos moradores da zona sul e davam voz e forma às experiências das vidas vividas na periferia.

A importância dos saraus como os da Cooperifa, organizado pelo poeta Sérgio Vaz, e o Sarau do Binho, como movimentos de cultura fora do centro

estético estabelecido da cidade foi, entre outras coisas, trazer visibilidade a toda uma gama de poetas, músicos e artistas daquele território, com seus repertórios e narrativas próprias. Além disso, um aspecto também de grande importância é que os saraus sempre reuniram os jovens em uma sociabilidade ligada à expressão cultural e política da periferia de São Paulo. A zona sul é um território rico de experiências culturais e dali saem diversos movimentos sociais que vão buscando o fortalecimento dessas experiências como um campo político.

As novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) e seus usos recentes trouxeram modificações importantes para a produção e divulgação dos produtos culturais mexendo em todo o mercado da cultura. Isso abre grandes oportunidades para que haja uma profissionalização maior na periferia de jovens que se interessam pela produção cultural. Há, sem dúvida, uma democratização desses processos que se tornaram mais acessíveis e criaram e fortaleceram novos modos de se produzir e de divulgar os trabalhos. A Internet e as redes sociais são veículos fundamentais nessa cadeia de circulação da cultura e a *Agência* vem conquistando novos parceiros e projetos com o uso combinado dessas tecnologias mais acessíveis a todos.

A atuação da *Agência Solano Trindade* é uma invenção, as ideias surgem e são postas em prática conforme as novas demandas apareçam. A produção e o consumo da cultura produzida na periferia fomentam um mercado de trabalho da cultura que pode interferir na ligação dos jovens ao território e esse movimento é interessante de acompanhar. Nessa medida, se estabelece uma cultura periférica²² forte. Uma novidade no cenário cultural da cidade, e com o passar do tempo esses artistas e produtores foram se tornando conhecidos também no centro (que é como apresentam essas separações estruturais da cidade de São Paulo).

No Brasil as culturas são hierarquizadas em uma série de preceitos, como os critérios de “gosto” que hierarquizam a produção cultural como boa ou ruim, como comercial ou não, como merecedoras de crédito ou não etc. Mas que nessa hierarquização reproduzem lógicas estabelecidas criando e mantendo barreiras territoriais e de classe, como bem mostra Bourdieu (2007). Os jovens são suscetíveis a essas constituições sociais e incorporam essas articulações dos movimentos sociais para modificarem suas práticas através de mudanças subjetivas para ganhar

22 Esse termo cultura periférica é usado por Thiago Vinicius para falar sobre a “produção cultural da quebrada”, como ele fala, e pode ser usado como um marcador político das tensões entre uma “cultura comum” e uma “cultura da periferia”, como o editorial de 2013 da Ação Educativa deixa explicitado. Ver aqui: <http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/cultura/80-cultura/10004822-editorial-a-cultura-periférica-e-a-cultura-comum->.

reconhecimento social. Na chave de Honneth (2003), os movimentos sociais são formados buscando constituir aspectos denegados em alguma parte da formação do indivíduo, que busca coletivamente reestabelecer essa parte negada pelo processo de se tornar um cidadão pleno. Desta forma, se o sujeito pode atribuir uma compreensão sobre essa denegação pode buscar uma reparação a ela. A importância desse movimento social também está nesse encontro com os anseios juvenis de construção de uma vida laboral mais autônoma.

Essa tarefa de realizar uma crítica social e buscar formas de reparação é uma das chaves de trabalho que a coordenação do *Banco Sampaio* e da *Agência Solano Trindade* desenvolvem buscando discutir com a comunidade as ideias que surgem e como implantá-las. Assim, foi possível articular uma rede de atores sociais que começaram juntos a pensar e atuar para desenvolver o que se pode chamar de economia da cultura como forma de buscar e canalizar financiamentos para projetos com esse interesse de produtores de cultura, que já atuavam na zona sul de São Paulo. Também com o tempo foram surgindo novas vertentes dessas parceiras, levando para o circuito discussões sobre a diversidade cultural, o que abriu ainda mais a rede de atores sociais, já não somente da zona sul da cidade de São Paulo.

CULTURA PERIFÉRICA, TRABALHO E POLÍTICA

■ O objetivo inicial da formação da *Agência Solano Trindade* era o sustento das experiências, buscando fortalecer a produção da cultura produzida ali. Os grupos de produção cultural existem e sempre existiram na periferia, mas carecem de recursos e financiamentos que consigam viabilizar essa produção de forma mais profissional, para que cada vez mais as expressões culturais sejam vistas pelos jovens como expressões possíveis de serem realizadas e necessárias para uma vida que tenha incorporado a arte como narrativa e como possibilidade de trabalho.

Aqui entramos em uma discussão complexa sobre essa experiência em particular, as formas de realizá-las não se constituem como experiências lineares. Por caminhos que inicialmente desviam rotas, a *Agência* foi chegando a resultados que podem contribuir para fortalecer alguns desses pontos. A luta do movimento social, nessa medida, é pelo alargamento dos espaços e para isso é a política, nos moldes de Rancière (1996) que permite vislumbrar essas disputas.

Há uma dinâmica de trabalho no grupo que faz a gestão da *Agência* e que mantém os projetos em constante movimento: projetos novos sempre são elaborados e há sempre uma ampliação da rede de contatos por todo o país e América Latina, onde têm participado de atividades, congressos e apresentações com ou-

etros coletivos periféricos desses países. O contato com diversos atores sociais, de todo o país, faz com que surjam sempre convites para viagens e novos projetos para serem desenvolvidos.

Para os jovens da região que convivem com a agitação da *Agência* e com a programação cultural dos saraus e outras atividades, novas referências de trabalho se apresentam. Há uma gama nova de possibilidades de profissionalização na área da cultura que podem fazer os jovens buscar uma inserção no mercado de trabalho ligada a essas novas tecnologias disponíveis, desde que possam aprender a utilizá-las como ferramentas de trabalho. Para os jovens que conhecem as referências familiares e escolares pode ser extremamente diferente pensar a sua própria inserção profissional ligada a alguma atividade artística, como: o grafite, a música, a dança, a literatura ou à produção técnica ligada a essas áreas.

Para pensar a inserção no mercado de trabalho dos profissionais de cultura na periferia, em grande medida jovens, podemos pensar na qualificação necessária para trabalhos ligados à cultura. A qualificação profissional, muitas vezes, está estruturada sem levar em consideração os anseios dos jovens no mercado de trabalho. Apresentando um cardápio limitado, os cursos de qualificação e formação profissional para jovens são, geralmente, ligados diretamente ao que o empresariado apresenta como demanda. As políticas de qualificação somente conseguem apresentar uma nova perspectiva quando pensadas diretamente para o que os jovens têm interesse. No geral, a gestão pública estabelece parcerias em convênios de execução dos programas de qualificação profissional de um modo bastante tradicional, ligados aos interesses empresariais. Nessa medida, as primeiras propostas da *Agência Solano Trindade* buscavam articular essas dimensões de produção, de profissionalização e de circulação da cultura periférica, para formar uma rede que pudesse se aproximar de uma cadeia produtiva toda realizada na periferia.

As transformações possíveis são lentas e graduais e se referem a como os jovens podem incorporar novas formas de construção das suas trajetórias de vida profissional. O trabalho da *Agência* é fazer chegar aos jovens da região as atividades que vão acontecendo. Thiago Vinicius²³ diz da importância de elevar a autoestima dos jovens, que precisam construir narrativas de vida não conectadas todo o tempo com a violência do cotidiano da periferia de São Paulo. Ao contar sobre a violenta chacina que matou o DJ Lah, no Campo Limpo, em um bar da região, no início de 2013, com mais sete pessoas assassinadas em um caso envolvendo, possivelmente, violência policial, fala do medo que é sempre revivido

23 Em entrevista concedida em fevereiro de 2015.

nesses novos casos. A violência e especialmente a violência policial na periferia deixa marcas. Thiago afirma que essa chacina, assim como outras, trazem medo e recolhimento aos jovens e a rua volta a ser território perigoso.

Nessa medida, a conquista por trabalhos que tragam maior autonomia se apresentam como um grande desafio e exigem atitudes “rebeldes” – que saiam do comum e façam parte da luta pelo direito à cidade na periferia de São Paulo. A construção de práticas que tragam esses espaços em que as periferias possam se tornar territórios ativos da cidade é uma conformação que vai conquistando distintos arranjos através de lutas políticas dos seus moradores. Por vezes, somente os jovens podem realizar mudanças de atitudes, pois apresentam menor responsabilidade em relação a toda uma estrutura que vai se apresentando na vida adulta – amarrando os sujeitos nas formas usuais de organização da vida.

A autonomia pode ser apresentada como trabalhos com uso do tempo diferente, mais determinado pelos sujeitos e não tão organizados pelo trabalho remunerado. Os movimentos sociais na zona sul vêm buscando construir espaços de resistência que possam marcar distinções essenciais na construção da vida dos jovens – novos usos do território, sociabilidades que aproximem, reúnam, dialoguem, além de buscar novas dinâmicas de inserção no mercado de trabalho.

A PARTICIPAÇÃO DA AGÊNCIA SOLANO TRINDADE NA 31^a BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE DE SÃO PAULO

■ A produção cultural da periferia vai ganhando novos espaços, reconhecimentos e visibilidade, como foi com a participação da *Agência* na 31^a Bienal Internacional de Arte de São Paulo, em 2014. O convite para a participação da *Agência* coroou um processo de trabalho que, ao mesmo tempo, uniu diversas possibilidades da produção cultural, também inegavelmente conquistou espaços de visibilidade social já que a Bienal Internacional de Arte de São Paulo é uma das exposições mais importantes do circuito internacional da arte. A *Agência Solano Trindade* participou da exposição com apresentações de saraus, coletivos de dança e música.

O tema da 31^a Bienal foi: “Como ... de coisas que não existem”. A colocação do verbo variou de acordo com a programação, como explica o texto de apresentação da exposição. Ora apareceu “como falar de coisas que não existem”, ou “como imaginar coisas que não existem”, ou “como lutar por coisas que não existem”. A arte concebida na exposição como uma manifestação com poder de intervenção, ação, apoio, disseminação, luta em lugares sociais em que, no geral, ela não se manifesta. É dessa maneira, que o convite à participação para a *Agência*

Solano Trindade pode ser compreendido, já que, no geral, os coletivos e artistas da periferia enfrentam maiores dificuldades para chegar a certos universos sociais. A Bienal de São Paulo é um importante espaço de exposição de arte, com um público de massa (essa edição atingiu em torno de 472 mil visitantes²⁴). E assim, há um conjunto de questões complexas sobre o significado dessa experiência e muitos aspectos a serem observados. Em primeiro lugar trata-se de reconhecer a importância da participação em uma exposição de arte desse porte na cidade de São Paulo, para depois qualificá-la em vários âmbitos diferentes. Certamente a Bienal de São Paulo está no calendário das grandes exposições mundiais de arte e sua curadoria sempre apresenta artistas internacionais, constituindo-se como uma vitrine importante para seus participantes. Desta forma, se tratou de uma experiência extremamente rica em sentidos muito diversos, tanto para um lado como para o outro.

Do lado da curadoria da Bienal foi uma possibilidade de conhecer um universo cultural com uma contextualização mais alargada, e que pôde reconhecer na *Agência Solano Trindade* essa expressão cultural como importante de ser mostrada na exposição. Mas também foi uma negociação intensa de como seria essa participação, como seria a remuneração de cada participante e das pessoas da produção da *Agência*. Elementos que parecem desimportantes para outros artistas eram vitais para os participantes da *Agência*: de que o transporte e alimentação pudessem ser feito por alguém ou um coletivo da rede, por exemplo, e que tudo fosse remunerado. Essas tensões marcaram as opções, os formatos, as escolhas dos espaços, de como todos iriam se apresentar.

Para o circuito estabelecido da arte, a cultura periférica, ao ser incorporada, se mostra com o “frescor” necessário para a arte se renovar constantemente. E nesse jogo ora há defesas de um padrão que possa de alguma maneira ser reconhecido como arte e cultura, ora não.

O fato é que ao não se reconhecer alguma expressão como cultura acaba-se por hierarquizar a produção cultural como se pudesse haver nesse campo uma produção melhor do que outras – o que acontece correntemente no mercado da arte e nas curadorias das grandes exposições. Para Pablo Lafuente²⁵, um dos curadores desta Bienal – responsável pelo convite à participação da *Agência Solano Trindade*, essa questão precisa ser enfrentada para que se possa reconhecer a cultura onde quer que ela esteja. Ele fez uma analogia para explicar essa hierarquização

24 Segundo a Fundação Bienal divulgou em seu site: <http://www.31bienal.org.br/pt/post/1988>

25 Entrevista concedida em março de 2015.

como algo inconcebível: “como se pudéssemos dizer a algum povo que a comida que comem está errada”. Ele dizia que nas expressões de cultura essa hierarquização não faz sentido, mas que representa uma hierarquização presente na cidade, que se torna naturalizada nas produções de cultura, e no campo da arte por vezes sequer é percebida nessa chave. Essa hierarquização é naturalizada na cidade de São Paulo, e faz parte da própria estruturação da cidade, portanto, difícil de ser rompida. Foi nesse contexto que se deu a escolha da curadoria para a participação da *Agência Solano Trindade* na Bienal, com a perspectiva de, sobretudo, proceder uma incorporação política de expressões culturais invisibilizadas que pudessem contribuir para mudar a recepção da produção cultural periférica.

A *Agência Solano Trindade* fez na abertura da exposição uma demonstração do que viria por toda a longa programação (que contou com mais de vinte apresentações dos seus coletivos). Na abertura, apresentaram uma escultura chamada de “Treme Terra Esculturas Sonoras”, com uma apresentação que mesclava o coral *Xondaro* do povo Guarani da Aldeia *Tenondé Porâ*, da zona sul de São Paulo, apresentação do poeta Baltazar Honório e uma apresentação de batuque e dança dos povos de terreiros, comandado por Mestre Aderbal Ashogum.

Essa mistura foi sendo construída ao longo do *Percorso da Diversidade*, um dos primeiros projetos idealizados pela *Agência*, e dessa participação surgiu esse encontro entre os Guarani, os povos de terreiro e os saraus. Dessa mistura experimentada nesse primeiro projeto surgiu o convite para a participação na Bienal. Eles apresentaram uma estética deslocada do mundo da arte, para “falar de coisas que existem”, mas se encontram invisibilizadas pelos circuitos de produção e reprodução da vida social na cidade. Assim é o trabalho autônomo para os jovens, as possibilidades existem, mas precisam encontrar as fontes para que possam crescer e modificar os padrões existentes e resistentes à mudanças nas estruturas sociais.

CONCLUSÃO

■ Driblar uma inserção mais “tradicional” no mercado de trabalho pode frequentemente significar, para os jovens, modificações nos padrões de sociabilidade que se reproduzem nas inserções no mundo do trabalho de geração em geração. Os modos mais subalternos e rebaixados das formas de trabalho só podem ser superados coletivamente com aproximações com um campo político, nesse caso especificamente, com a proximidade de movimentos sociais. A imensa desigualdade social brasileira precisa ser enfrentada e algumas chaves para esse enfrentamento podem vir de experiências que transcendam essas práticas de trabalho subalternas

e que são reproduzidas e naturalizadas incessantemente no cotidiano laboral da cidade.

Nesse sentido, não é possível encontrar experiências infalíveis nesses lampojos de mudança, mas é possível apontar como algumas experiências podem contribuir para algumas transformações. Os contextos sócios históricos sempre trazem configurações que modificam os movimentos sociais em suas atuações e seus papéis ao longo do tempo, e, nesse sentido, é possível afirmar que os movimentos sociais tomaram mais recentemente novos lugares na sociedade: são mais institucionalizados hoje do que eram faz duas décadas, mas, possuem outro lugar de enunciado.

As experiências do *Banco Comunitário União Sampaio* e da *Agência Popular de Cultura Solano Trindade* podem trazer para esse campo de discussão suas práticas e modos de fazer que de alguma maneira “inventam” um movimento social que dialoga com vários campos sociais. Um desses campos é o da economia solidária, que vai incorporando nas práticas e concepções muitas dessas criações (assim como o Banco Palmas de Fortaleza trouxe grandes novidades para serem incorporadas à reflexão desse campo). Assim também se passou com as experiências do *Banco* e da *Agência* que foram aos poucos incorporando os discursos e as práticas da economia solidária de forma mais aberta, e as afinidades puderam aparecer e trazer aproximações.

Para ganhar espaços de maior autonomia no mundo do trabalho, é preciso incorporar a juventude em processos menos enquadrados nos ditames das necessidades do mercado de trabalho. E não é a escola pública, nesse momento, de forma geral, que pode proporcionar práticas e conhecimentos que levem a quebras nas estruturas já constituídas de reprodução da desigualdade brasileira. Os movimentos sociais ligados à cultura em São Paulo estão trazendo experiências interessantes nesse campo, e podem contribuir para uma autonomização dos jovens. Com usos do tempo da vida cotidiana mais liberados e em atividades mais criativas: essa é uma mudança de paradigma importante para uma melhora substancial dos processos laborais.

Os sujeitos políticos que põem em questão esse regime do “uso da palavra” e da “partilha do sensível”, como afirma Rancière (2005), lutam para formar uma comunidade política. Ao se determinar através de critérios de “gosto” estabelecidos e naturalizados que na periferia só se faz uma produção artística que não merece ser vista como discurso produzido sobre a realidade, desqualifica-se o que ali acontece em um processo que hierarquiza a cidade e sua produção cultural (em uma dicotomia centro *versus* periferia que ratifica as desigualdades sociais). Em

alguns momentos as políticas e programas públicos de cultura incentivavam certa descentralização dessa produção artística, e, nessa medida, são importantes votores de produção cultural periférica. Embora ainda sejam pouco em volume de recursos, têm grande importância programas como os Pontos de Cultura do Minc no Governo Federal e o Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), no âmbito Municipal; possibilitaram concretamente a realização de diversas ações e produções que puderam ser reunidas, no caso da constituição da *Agência Solano Trindade*, para que essa descentralização da produção dos discursos culturais possa ser desenvolvida com maior reverberação.

A periferia falando sobre a periferia, a partir da periferia e para a periferia (e depois ganhando a cidade) como o que vimos acontecer na participação na 31^a Bienal Internacional de Arte de São Paulo. São novas formas de produção de discursos, uma nova partilha do sensível (Rancière, 2005). Há a formação de um novo campo de disputas e as disputas são no campo das narrativas, de lutar pela atribuição de sentido plausível para as narrativas da periferia, e que elas possam ser “ouvidas” por toda a cidade, inclusive como experiências de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AÇÃO EDUCATIVA. Editorial: Cultura periférica e cultura comum, 2013. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/cultura/80-cultura/10004822-editorial-a-cultura-periferica-e-a-cultura-comum->.
- BENJAMIN, Walter Sobre o conceito de história. In: LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BERGAMIN, Marta. *Lutas na cidade de São Paulo: Mutirão Recanto da Felicidade e Banco Comunitário União Sampaio*. Tese de doutorado em sociologia defendida na Universidade Federal de São Carlos, 2011.
- _____. Qualificação do trabalho na periferia de São Paulo e a experiência da Agência Popular de Cultura Solano Trindade, apresentado no XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, Salvador, 2013.
- _____. Luta pelo Trabalho na periferia da cidade: onde está o trabalho autônomo? A experiência da Agência Popular de Produção de Cultura Solano Trindade na zona sul da cidade de São Paulo, apresentado no 37º Encontro Anual da ANPOCS, águas de Lindóia, 2013.
- BORGES, Ângela. As novas configurações do mercado de trabalho urbano no Brasil: notas para discussão. *Caderno CRH*. Salvador, v. 23, nº 60, p. 619-632, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CARDOSO, Adalberto. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. *Caderno CRH*, Salvador. v.26, nº 68, p. 293-314, 2013.
- COLI, Juliana. A precarização do trabalho imaterial: o caso do espetáculo do cantor lírico. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 297-320.
- CORROCHANO, Maria Carla; FERREIRA, Maria Inês Caetano; FREITAS, Maria Virgínia de; SOUZA, Raquel. Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa, Instituto Ibi, 2008.
- COUTROT, Thomas. *Démocratie contre capitalisme*. Paris: La Dispute, 2005.
- DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- FARIA, Maurício Sarda de. *Autogestão, cooperativa, economia solidária: avatares do trabalho e do capital*. Tese (Doutorado em Sociologia) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências do Homem da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.
- FERRÉZ. *Capão Pecado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- HONNETH, Axel. *A luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- LIMA, Jacob C. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? *Sociologias*. Programa de Pós-Graduação da UFGRS, Porto Alegre, nº 25, p. 158-198, 2010.

- MARQUES, Eduardo César; TORRES, Haroldo (Orgs.). *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- OLIVEIRA, Francisco de; RIZEK, Cibele (Orgs.). *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PEREIRA, Luciano. O trabalho em causa na “epidemia depressiva”. *Tempo Social*. São Paulo, Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, v. 23, nº 1, p. 67-95, 2011.
- PAOLINO, Antonio George. *Economia solidária como projeto cultural e político: a experiência do Banco Palmas*. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 1996a.
_____. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- RIZEK, Cibele Saliba. *Práticas sociais e culturais: novas tessituras?* Texto apresentado no 35 Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), Caxambu, 2011.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SEGNINI, Lilianna Rolfsen. Acordes dissonantes: assalariamento e relações de gênero em orquestras. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 321-336.
- SINGER, André. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), nº 85, p. 83-102, 2009.
- SINGER, Paul. Economia solidária — entrevista com Paul Singer. *Estudos Avançados*. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados, nº 62, São Paulo, p. 289-314, 2008.
- SINGER, Paul; SOUZA, André. *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.
- SPITZ, Clarice. Com baixa qualificação, país pode desperdiçar força de trabalho jovem na próxima década. Reportagem do Jornal O Globo, 11/08/2013. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=19372&catid=159&Itemid=75
- TELLES, Vera de S. Ilegalismos urbanos e a cidade. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), nº 84, p. 153-173, 2010.
- WACQUANT, Loïc. *Os condenados da cidade: estudo sobre marginalidade avançada*. Rio de Janeiro: Revan/Fase, 2001.